



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS – FAFIC  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA – DFI

EDSON DANILO CAVALCANTE FILHO

**PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÕES E RELAÇÕES DE PODER NA FILOSOFIA DE  
MICHEL FOUCAULT**

MOSSORÓ - RN

2020

EDSON DANILO CAVALCANTE FILHO

**PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÕES E RELAÇÕES DE PODER NA FILOSOFIA DE  
MICHEL FOUCAULT**

Monografia apresentada ao Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte como um dos requisitos para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

ORIENTADORA: Prof. Dra. Maria Vera Lucia Pessoa Porto

MOSSORÓ - RN

2021

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

**Catlogação da Publicação na Fonte.**  
**Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

D186p Danilo, Edson Danilo Cavalcante filho  
PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÕES E RELAÇÕES  
DE PODER NA FILOSOFIA DE MICHEL FOUCAULT. /  
Edson Danilo Cavalcante filho Danilo. - Universidade do  
Estado do Rio Grande do Norte, 2022.  
39p.

Orientador(a): Profa. Dra. Maria Vera Lúcia Pessoa  
Porto Porto.

Monografia (Graduação em Filosofia). Universidade do  
Estado do Rio Grande do Norte.

1. Relações de poder. Processos de subjetivações.  
Sociedade capitalista. I. Porto, Maria Vera Lúcia Pessoa  
Porto. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.  
III. Título.

EDSON DANILO CAVALCANTE FILHO

**PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÕES E RELAÇÕES DE PODER NA FILOSOFIA DE  
MICHEL FOUCAULT.**

Monografia apresentada ao Departamento de  
Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências  
Sociais da Universidade do Estado do Rio  
Grande do Norte como um dos requisitos para  
obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

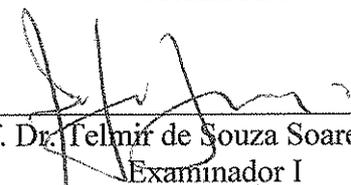
Aprovado em: 29/04/22

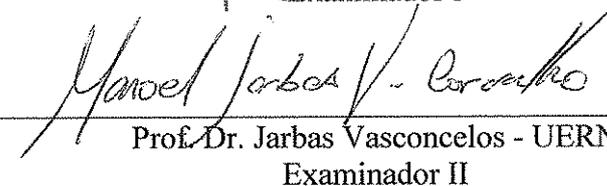
Conceito final: 9,0

BANCA EXAMINADORA

  
Prof. Dra. Maria Vera Lúcia Pessoa Porto - UERN

Orientadora

  
Prof. Dr. Felmir de Souza Soares - UERN  
Examinador I

  
Prof. Dr. Jarbas Vasconcelos - UERN  
Examinador II

## AGRADECIMENTOS

Minha imensa gratidão:

A Deus pela sua bondade e misericórdia.

À Diocese de Santa Luzia de Mossoró, na pessoa do nosso Bispo Dom Mariano, por todo apoio e confiança em mim depositados. Um grande missionário que me ensina todos os dias com seu exemplo de vida. A ele, agradeço por ter me encorajado a estar neste curso de filosofia. Quando o medo surge, quando as dúvidas persistem, ele é esse ser humano capaz de enxergar em mim o melhor que posso oferecer, na luta em favor do Reino de Deus.

À Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), por ser abrigo nesses quatro anos de formação.

Aos professores da UERN, os quais tive a alegria de conhecê-los e ser aluno, bem como a todos os professores que, ao longo da minha vida, tive o privilégio de ser educado por eles.

A professora Maria Vera Lucia Pessoa Porto pela orientação deste trabalho. Uma grande mulher de paciência, justa e compreensiva, alguém capaz de extrair de nós o melhor que podemos oferecer ao mundo.

Aos amigos da caminhada, Renata Duarte, Angélica Almeida, Monica Nogueira, Rafaela dos Santos minha tia e tantos outros que me apoiam.

Ao Pe. Miquéias Pascoal, que sempre esteve presente em meu processo formativo, incentivando e me encorajando a nunca desistir dos meus sonhos.

A Marcia Araújo, amiga de caminhada destes quatro anos de formação, alguém forte e capaz de ser luz para minha vida.

Enfim, minha gratidão a todos que por meu caminho foram luzes, gratidão por cada pessoa que acreditou em mim.

Por uma grande missão!

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta monografia a todos que em meio às relações de poder envolvidos em nossa sociedade, se permitem entrar em seus processos de subjetivação e renovar constantemente suas experiências e ações. Que todos possam estar embalados por seu próprio saber espiritual, ser para o mundo quem realmente se é, com todas suas forças, vontades e desejos. Que as grandes verdades elaboradas pelo poder do discurso que os grandes possuem, não sejam capazes de oprimir a voz que habita dentro de cada um dos indivíduos. É preciso ter coragem para se subjetivar, é preciso ter força para lutar, é preciso ouvir a voz que dentro de cada um grita por liberdade.

## RESUMO

O aspecto principal para a escolha desta pesquisa *Processos de Subjetivação e Relações de poder na filosofia de Michel Foucault* partiu da necessidade de aprofundar o estudo sobre as relações de poder. Essas que por sua vez se encontram perante a sociedade e que também está associado às relações dos indivíduos. Dessa forma, o poder pode ser visto por aspecto positivo ou negativo, o aspecto positivo seria o que transforma, aquele poder que se relaciona e muda realidades para melhor, já o negativo seria o poder dominante, o que não se relaciona, cria muros e constrói sua verdade a fim de que todos sigam a verdade dominante como regra de vida. Deste modo, em nosso primeiro capítulo abordaremos as relações de poder na sociedade capitalista e as problemáticas da construção do homem, esse que por sua vez é inserido nestas relações. No segundo capítulo temos como objetivo trabalhar os processos de subjetivação. A subjetividade se refere as relações construídas conforme o crescimento do indivíduo, isto é, sua historicidade, seu presente, suas experiências, suas práticas, que para Foucault, se entrelaçam nas relações de poder. Assim, de acordo com a perspectiva Foucaultiana, a subjetividade é, então, construída historicamente. Para a investigação do tema proposto as análises desenvolvidas seguem uma abordagem bibliográfica, pela qual será investigado, inicialmente, como se desenvolve o poder na sociedade capitalista, para em seguida, ponderar acerca das relações de poder nos processos de subjetivação. O referencial deste trabalho faz uso dos pensamentos de Foucault, que aborda a perspectiva do macro poder e micro poder, assim como as relações do poder e a subjetivação dos indivíduos em seus processos de relações. Será presente também, a abordagem de Marx para orientar na perspectiva do poder envolvido no capitalismo. Espera-se alcançar nesta pesquisa a capacidade de compreender como os indivíduos se desenvolvem e se relacionam em meios às relações de poder, introduzidas na sociedade capitalista, mostrando as formas que o homem possui de se comportar e de se subjetivar.

**PALAVRAS-CHAVES:** Relações de poder. Processos de subjetivações. Sociedade capitalista

## RESUMÉ

L'aspect principal pour choisir cette recherche Processus de subjectivation et relations de pouvoir dans la philosophie de Michel Foucault est venu de la nécessité d'approfondir l'étude des relations de pouvoir. Ceux-ci, à leur tour, sont antérieurs à la société, et qui sont également associés aux relations des individus. De cette façon, le pouvoir peut être vu comme des aspects positifs ou négatifs, l'aspect positif serait ce qui transforme, ce pouvoir qui relie et change les réalités pour le mieux, tandis que le négatif serait le pouvoir dominant, ce qui n'est pas lié, crée des murs et construit sa vérité pour que chacun suive la vérité dominante comme règle de vie. Ainsi, dans notre premier chapitre, nous aborderons les rapports de force dans la société capitaliste et les problèmes de la construction de l'homme, qui à son tour s'insère dans ces rapports. Dans le deuxième chapitre, nous visons à travailler sur les processus de subjectivation. La subjectivité renvoie aux relations construites au gré de la croissance de l'individu, c'est-à-dire son historicité, son présent, ses expériences, ses pratiques, qui, pour Foucault, s'entremêlent dans des relations de pouvoir. Ainsi, selon la perspective foucaultienne, la subjectivité est alors historiquement construite. Pour l'investigation du thème proposé, les analyses développées suivent une approche qualitative, à travers laquelle il sera étudié, dans un premier temps, comment le pouvoir se développe dans la société capitaliste, puis, s'interroger sur les relations de pouvoir dans les processus de subjectivation. La référence de cet ouvrage s'appuiera sur la pensée de Foucault, qui aborde la perspective du macro pouvoir et du micro pouvoir, ainsi que les relations de pouvoir et la subjectivation des individus dans leurs processus de relations. Il sera également présent, l'approche de Marx à guider dans la perspective du pouvoir en jeu dans le capitalisme. On espère atteindre dans cette recherche la capacité de comprendre comment les individus se développent et se rapportent aux relations de pouvoir introduites dans la société capitaliste, montrant les façons dont l'homme doit se comporter et se subjectiviser.

**MOTS-CLÉS:** Relations de pouvoir. Processus de subjectivation. Société capitaliste.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>2. O poder e a sociedade capitalista.....</b>	<b>12</b>
2.1 Um breve itinerário acerca do poder.....	12
2.1.1 A sociedade e as relações de poder.....	14
2.1.2 Sociedade Capitalista.....	17
2.1.3 A divisão da sociedade entre capitalista e proletário.....	19
2.1.4 O modo de produção capitalista.....	20
2.1.5 O poder como dominação de classe na sociedade capitalista.....	21
2.1.6 As dificuldades da constituição do homem no capitalismo.....	23
<b>3. Relações de poder no processo de subjetivação na filosofia de Michel Foucault.....</b>	<b>26</b>
3.1.Subjetivação e Relação de poder.....	26
3.2.Indivíduo como protagonista das relações de poder.....	29
3.3.O poder operante pelo discurso.....	31
3.4.Estratégias e resistências ao Poder.....	33
<b>4. Conclusão.....</b>	<b>36</b>
<b>Referências .....</b>	<b>38</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho discorre sobre o tema *Processos de Subjetivações e Relações de Poder em Michel Foucault*, com o objetivo de entender como se desenvolve o poder nos processos de subjetivação. A temática se desenvolve a partir de uma abordagem qualitativa pela qual investiga, inicialmente, como se desenvolve o poder na sociedade capitalista, para em seguida, ponderar acerca das relações de poder nos processos de subjetivação.

A investigação dessa pesquisa tem como fundamentação teórica os pensamentos de Michel Foucault (2012) em *Ditos e Escritos IV: Estratégia, Poder-Saber*, texto que reflete sobre a necessidade de perceber como o homem em sua história efetiva se constitui em si e na sociedade. Desse modo têm-se, em Foucault, o indivíduo constituído de relações de poder. Para melhor pensar nosso capítulo inicial, acerca da noção de poder, como ele é concebido na sociedade capitalista e nas instituições, frequentemente, entendido como dominação, será estudado aqui o poder que domina e controla as relações, esse que por sua vez, se desenvolve pela divisão de classes, proletários e capitalistas.

Assim, têm-se na sociedade uma divisão visível em capitalista e proletário, estes que são opostos entre si. O proletário trata-se daquele que não possui nenhum meio de vida, exceto sua força de trabalho. São os indivíduos que podem ser dominados a partir da mão de obra. O "poder" determina o que os proletários precisam desenvolver ou como se adaptar frente às propostas impostas pelo capitalismo. Consequentemente, seria entendido o poder, na sociedade, a partir da divisão de classes como a regra ou criação de verdade. É necessário perceber que o homem só se torna sujeito, segundo Foucault (1995, p. 37) “pelos modos de investigação, pelas práticas divisórias e pelos modos de transformação que os outros aplicam e que nós aplicamos sobre nós mesmos”.

Desse modo, o homem seria na sociedade capitalista fruto das classes sociais, as quais, frente ao poder contribuem para desenvolver-nos, principalmente, os que estão menos favorecidos de força, se tornando vulneráveis à humilhação e à exploração. Em virtude desta questão da dominação, apresenta-se o poder concebido na noção Foucaultiana. Foucault (2012) não conceitua sobre o poder, mas como o poder se manifesta de acordo com a realidade da sociedade, em aspecto político, econômico, sexual. Assim como a abordagem da loucura ou a temática da prisão ou da sexualidade. São campos que o filósofo usa para discernir as relações de poder, bem como, busca a partir dessas relações distinguir os impactos que essa dominação tem. Quando se observa estas diversas formas de relações,

percebe-se que o poder nem sempre se manifesta pela força, mas pelo planejamento ou por um sistema estratégico de mudança, considerando o discurso próprio que reproduz um determinado (*status quo*) estado das coisas.

Foucault afirma que o tipo de análise que ele pratica, leva-o a examinar as diferentes maneiras pelas quais o discurso desempenha um papel no interior de um sistema estratégico em que o poder está implicado. Assim, são nesses discursos para o qual o poder funciona que deve ser detectado que o poder, não é nem fonte nem origem do discurso, mas para Foucault, “o poder é alguma coisa que opera através do discurso, já que o próprio discurso é um elemento em um dispositivo estratégico de relações de poder” (FOUCAULT, 2012, p. 247).

O poder não é uma reprodução automática de si, ou sem nenhuma forma de apoio, mas pode ser compreendido como algo que trabalhado em algum grupo específico, seja pelo discurso no interior da sociedade capitalista ou, a partir do discurso nas dimensões da sexualidade, da prisão, da loucura ou outras formas de se manifestar em sociedade. O poder se desenvolve por meio de estratégias comunitárias, fazendo uso dos comportamentos humanos diante das relações de atrito e de luta em determinados grupos que estejam à frente do poder.

Porto (2017, p. 100) em *Caminhos da liberdade em Foucault: das relações de poder ao cuidado de si nos processos de subjetivação*, nos mostra que: “O processo de subjetivação [...] se dá de forma lenta e quase imperceptível, mediante as negatividades e o estado de passividade em que as relações de poder atuam”. Nesse sentido, a liberdade se realiza a partir do momento em que o homem, para se realizar enquanto ser livre se constitui enquanto sujeito.

Essa mudança de mentalidade do indivíduo acontece pela capacidade de autonomia do comportamento humano para com as atividades de poder. Sobre o que acolher e não acolher como sujeito, esses mesmos que vivem estratégias de forças que formam sua subjetivação. Sendo protagonista da sua história na medida em que carrega consigo mesmo o senso crítico de auto análise que julga não somente a si próprio mas o mundo a sua volta, ou seja, as relações de poder que influenciam de forma positiva ou negativa a vida. Nesse pensamento, os indivíduos que estão inseridos nas relações de poder, se tornam livres quando passam a colocar frente a esses mecanismos que por vezes o domina, as suas ideias, pensamentos e vontades, não sendo ele mais um completo dominado, mas fazendo-se um indivíduo protagonista do seu próprio caminho em meio às relações de poder.

Pensar sobre liberdade é compreender que não é livre quem foge do poder, mas a liberdade se da por caminhos construídos vagarosamente, por metodologias e formas que

fazem com que o homem enfrente a realidade como ela é. Vale lembrar que as realidades são somente externas, com o outro, ou alguém que possui o poder que o domina, mas esse enfrentamento parte de dentro, do interior do indivíduo, que luta consigo mesmo enfrentando os monstros internos, para depois guerrilhar com o poder externo, seja ele nas instituições ou não, é o primeiro caminho a ser feito.

O homem é responsável por distinguir os processos que acontecem em si próprio, bem como os processos fora de si, que na maioria das vezes estão ligadas às relações objetivas da vida social, sendo então sujeitos e objetos da sociedade. Por essa visão é preciso que o homem se torne na sociedade um indivíduo analítico que passa a conviver com o poder não somente por obediência, mas seguindo seus desejos e enfrentando os desafios.

## **2. O PODER E A SOCIEDADE CAPITALISTA**

O sentido da palavra sociedade, definida pelo *Dicionário básico da filosofia*, mostra que não se trata de um mero conjunto de indivíduos que vivem juntos em um determinado lugar, mas define-se pela existência de sua organização, formulando leis e instituições que guiam a vida dos indivíduos e suas relações. Já o capitalismo, envolto a essa sociedade, seria o que corresponde à acumulação de recursos financeiros, como mão de obra, máquinas, dinheiro e materiais, tudo isso se cria para a economia da sociedade, como visto na obra *O capital* de Marx.

Desse modo, no primeiro capítulo sobre poder e sociedade capitalista, faz-se um caminho para chegar às relações de poder na sociedade, descobrindo como se manifestam estas relações, e também busca fazer um breve itinerário acerca do poder, da sociedade, das relações de poder, sociedade capitalista, modo de produção capitalista, divisão entre capitalismo e proletariado, dominação de classes e por último, as dificuldades da constituição do homem no capitalismo. A partir desses pontos, é possível compreender as várias formas de engajamento do poder e como ele se instaura e se configura entre os indivíduos na sociedade.

### **2.1 Um breve itinerário acerca do poder**

A palavra poder, conforme definido no *Dicionário básico da filosofia*, é o ato de realizar algo, derivada de um elemento físico ou natural, ou conferida por uma autoridade

institucional. Sendo analisado de forma mais ampla, o poder pode ser visto em diversas áreas da relação humana, social, ou consigo mesmo. Segundo Bobbio.

Em seu significado mais geral, a palavra Poder designa a capacidade ou possibilidade de agir, de produzir efeitos. Tanto pode ser referida a indivíduos e a grupos humanos como a objetos ou a fenômenos naturais (como na expressão Poder calorífico, Poder de absorção [...]) (BOBBIO1995, p. 933).

Percebe-se que o poder possui uma grande capacidade de se expandir e não somente de forma particular aos indivíduos ou a fenômenos naturais, mas de forma ampla, em grupos, que se relacionam e estão em constante movimento, tendo em vista que é preciso considerar que gastam energias entre eles. Pode-se também compreender na perspectiva social, que se refere à convivência dos seres humanos, enxergando como o poder que se instaura nas relações independentes de cargo, classe, ou situação financeira.

A princípio, para que o poder tenha êxito ele, necessariamente, precisa de pessoas para se relacionar, seja em empresas, entre família ou amigos, todos estão em constante desenvolvimento de sua subjetivação no que se refere a pensamentos e comportamentos diferentes em meio aos grupos sociais. Todos se tornam sujeitos do poder. Quando são submetidos a se relacionar com o outro, sendo sempre à vontade e o interesse as ferramentas principais para desenvolver o poder entre indivíduos, ou consigo mesmo. Para Weber (1994, p. 33), o poder seria: “toda probabilidade de impor a própria vontade numa relação social, mesmo contra resistência, seja qual for o fundamento dessa probabilidade”. Nesse sentido, Weber mostra que, ao colocar alguém frente ao sistema do poder, é seu próprio comportamento em grupo, usando da sua capacidade de persuadir pelo seu discurso, atitudes ou submissão que vai desenvolvendo as probabilidades de relações de poder entre eles.

Conforme Foucault na obra *Estratégias de Saber Poder, Ditos e Escritos IV*, o poder se estabelece em microformas, as quais podem ser chamadas de exercícios de poder. Por outro lado, o poder também pode ser estabelecido como soberania que carrega consigo a influência sobre o outro, possuindo total domínio para com a vida dos indivíduos.

O poder também se estabelece como disciplina, sendo compreendido, como poder disciplinar. Este é o poder mais exercido em escolas, prisões, hospitais, que doutrina as pessoas a fazerem aquilo que é pertinente ao grupo ou pessoa, como se os indivíduos tivessem que passar por uma escola de moldagem humana, sendo construídos e disciplinados para esse serviço, ou espaço no qual possam desenvolver algum tipo de trabalho em que são submetidos pelo controle.

Por outro lado, na obra *Estratégia de Poder Saber, Ditos e escritos IV Foucault (2012, p. 260)* menciona uma nova forma de enxergar esse sistema, que seria o poder sobre a vida. Uma tecnologia disciplinar do trabalho que Foucault vem chamar de Biopoder, que seria o indivíduo que possui relações de poder, observando que as menores formas de poder que se desenvolvem em meio as pessoas podem se tornar uma força controlável e dominante de atividades, comportamentos e ações dos indivíduos. Estes que, não atingindo os processos de subjetivação passam vagarosamente a criar formas de dominação. Dessa forma, o poder não pode ser tido como uma relação brutal, mas sim, vista como relações de força e enfrentamento, sempre pode ser reversível. Nem sempre as relações de poder podem ser triunfantes, pois segundo Foucault:

Quero dizer que as relações de poder suscitam necessariamente, apelam a cada instante, abre a possibilidade a uma resistência e resistência real que o poder daquele que o domina tenta se manter com tanto mais força, tanto mais astúcia, quanto maior for a resistência (FOUCAULT, 2012, p.227)

Percebe-se que a cada instante existe uma luta, uma resistência acontecendo, seja fora ou até mesmo dentro de nossas casas, seja do simples ao majestoso, do pequeno ao grande, o indivíduo é feito de relações de força e poder. Um primeiro passo para se compreender as relações de poder é entendê-las como algo que circula, que é praticado e não é estático, ele flui, e está em movimento constante em meio a todos, as relações de enfrentamento que se dão pelo desenvolvimento da condição humana de aprender a exercer essa força em si e na relação com o outro. Assim, ninguém possui o poder como sua propriedade.

Por conseguinte, é desse poder como força transitória, que por vezes quem domina se torna dominado e assim sucessivamente. Vai se formulando as relações de forças quando tentam uns sobre os outros impor sua verdade. É partindo dos micros poderes, ou seja, das pequenas demonstrações de poder, e do macro poder, das grandes demonstrações que o poder se dilui em meio à sociedade, formando suas relações que investigaremos acerca da sociedade e relações de poder.

### **2.1.1 A sociedade e as relações de poder**

Tem-se atualmente uma sociedade capitalista que se relaciona e se modifica constantemente em suas relações de poder com o outro e consigo mesma, assim como a sociedade disciplinar, pela dependência do outro, surgindo, constantemente perguntas em

torno do poder clássico, e poder atual, e o que há de novo neste mesmo poder. Foucault (2012) responde que:

[...] não é a teoria que é diferente, mas o objeto, o ponto de vista. Em geral, a teoria do poder fala disso em termos de direito e formula a questão de sua legitimidade, de seu limite e de sua origem. Minha pesquisa incide sobre as técnicas do poder, sobre a tecnologia do poder. Ela consiste em estudar como poder domina e se faz obedecer (FOUCAULT, 2012 p. 260).

Conforme Foucault, a partir das técnicas de poder muitas resistências foram surgindo, como exemplo, a fala da mulher e os movimentos de estudantes, colocando frente a esses as relações, as resistências e as tecnologia do poder. O que é bem interessante, pois segundo Foucault (2012) o objeto de análise é sempre determinado por, a saber: tempo e espaço. Dessa forma, o poder perde parte da sua eficácia quando as disciplinas entram em crise. No pensamento de Foucault relacionando o futuro das relações de poder há quatro ou cinco séculos, por exemplo, considerava-se que o desenvolvimento da sociedade ocidental dependia da eficácia do poder em preencher sua função. Por exemplo, importava na família, como a autoridade do pai se posicionava ao controlar os comportamentos dos filhos. Se esse mecanismo se quebrava, a sociedade desmoronava.

O assunto importante era como o indivíduo obedecia. Nesses últimos anos, a sociedade mudou e os indivíduos também, eles são cada vez mais diversos, diferentes e independentes. Há cada vez mais, categorias de pessoas que não estão submetidas a disciplina, de tal forma que são obrigadas a pensar no desenvolvimento de uma sociedade sem disciplina ou controle. Os que não se permitem serem dominados como antes são, justamente os indivíduos que entram em processo de autoconhecimento, aqueles que enfrentando o poder dominante, conseguem mesmo em meio às relações desenvolver também seu projeto de vida. A vida e as relações não são mais só pensadas por outros, mas idealizada e realizada pelo próprio homem, com suas vontades e desejos. Assim se realiza a vida e as relações na sociedade. “A classe dirigente continua impregnada da antiga técnica. Mas é evidente que devemos nos separar, no futuro da sociedade da disciplina de hoje” (FOUCAULT, 2012, p. 262). O indivíduo aqui passa a ter força própria para se desenvolver conforme suas necessidades de vontade de poder.

É sabido que procurei definir as estratégias do poder em alguns domínios. Por exemplo, vigiar e punir se abre sobre um “teatro do terror”, a encenação espetacular que acompanhavam as execuções públicas até o século XIX. Esse décor estrepitoso, carnavalesco, no qual a toda – poderosa mão da justiça fazia executar a sentença sob os olhos dos espectadores, era suposto gravar sua mensagem de modo indelével em suas mentes. Com frequência, a punição excedia a gravidade do delito e, deste

modo, ficavam reafirmados a sua supremacia e o poder absoluto da autoridade (FOUCAULT, 2012 p. 300).

Portanto, o poder se encontra como forte ferramenta de manipulação, o que, de acordo com o filósofo, muda na atualidade. Os indivíduos usam de uma liberdade de expressão para se posicionarem, sendo não mais sujeitos a uma oposição do poder, de valores e regras que são ditas diretamente à sociedade. Mas acontece a partir de agora o poder, de outra forma, como uma introdução, mesmo que seja, pela força do discurso ou não, para a sociedade. Com essa nova forma de enxergar as relações que se criam entre os indivíduos nas relações sociais percebe-se que o discurso usado como instrumento do poder, é agora, não só uma ferramenta de manipulação dos grandes, mas principalmente, uma nova fórmula de libertação para os pequenos, que com o passar do tempo, buscam seu protagonismo em meio as relações de poder. Vale destacar que os mais frágeis nas relações de poder também usam do discurso, assim como tantas outras formas para seu enfrentamento e desenvolvimento na sociedade, alcançando a liberdade, que aprenderam a conquistar quando em suas relações conseguiram se mostrar não só como passivos obedientes, mas como pessoas ativas nas reais ações de poder.

Assim, o que faz perceber as diferenças entre o poder exercido a um grupo do passado e como o poder funciona nesta sociedade atual, de acordo com o filósofo é que:

Hoje, o controle é menos severo e mais refinado, sem ser, contudo, menos aterrorizador. Durante todo o percurso de nossa vida, todos nós somos capturados em diversos sistemas autoritários; logo no início na escola, depois nosso trabalho e até em nosso lazer. Cada indivíduo, considerado separadamente, é normatizado e transformado em um caso controlado por um IBM, em nossa sociedade, estamos chegando a refinamentos de poder os quais aqueles que manipulavam o teatro do terror se quer haviam sonhado (FOUCAULT, 2012 p. 300).

Neste caso, as formas de poder com o passar do tempo vão tomando proporções mais discretas e mais planejadas, também se mostrando menos aterrorizante, quando na verdade, pelas técnicas que o indivíduo é atraído ele é posto frente ao poder que o domina. Segundo Foucault: “O ponto que chegamos está além de qualquer possibilidade de retificação, porque o encadeamento desses sistemas continuou a impor esse esquema, até fazê-lo ser aceito pela geração atual como uma forma da normalidade” (FOUCAULT, 2012 p. 300).

O poder surge na atualidade de forma forte e nem sempre vista em um palco se autotitulando como “poder supremo”. Age devagar e com eficácia, conforme as relações de cada sociedade, se adaptando em cada classe. Desde o operário ao patrão, o poder se infiltra em todas as áreas humanas para se manifestar.

Quando na família o poder é exercido pelos pais, e existe dominação sobre os filhos, e até mesmo, quando os filhos se posicionam sobre sua própria vontade de poder, isso tudo são relações de enfrentamento de poder que se desenvolvem entre os grupos:

[...] isso acontece por permissão dos indivíduos que frente ao poder se relacionam pelas forças que buscam e formam hábitos de vida refinados feito o poder da atualidade, o controle contínuo dos indivíduos conduz a uma ampliação do saber sobre eles, que produz hábitos de vida refinados e superiores. Se o mundo está a ponto de se tornar uma espécie de prisão, é para satisfazer as exigências humanas (FOUCAULT, 2012, p. 300).

É neste sentido que enxergamos como o poder se instala e funciona na sociedade. Não existe esse mecanismo que se imponha totalmente sobre as pessoas de forma natural. O que existe hoje são as relações que se tornam responsáveis por sua ação. De forma segmentada, pode-se dizer que o poder vem das relações, e somente aí ele exerce sua função. O mesmo vai sendo derivado de diversos fatores, bem como, a vontade de controle, soberania, e de se tornar superior sobre os outros exercendo o seu saber. É o que faz o poder ganhar força e crescer.

Ainda existe em nosso meio a elaboração dos jogos de verdades, um campo usado pelo poder para padronizar pensamentos, regras, ou formas do homem se desenvolver de acordo com os que possuem um domínio maior, a elaboração de verdades criadas pelo o poder, é um processo de manipulação do indivíduo. Tem-se uma sociedade mundial que produz verdade e poder. Quando se fala dessas duas palavras juntas quer dizer que não se pode construir algo sem que tenha uma força maior para padronizar e ser imposta na sociedade.

Cada verdade tem seus próprios mecanismos de poder, que fazem com que o pensamento elaborado para ser algo criado para a sociedade de forma padrão, se torne possível, utilizando-se do poder pelo discurso, poder visual, e tantas outras estratégias para que naquele momento consigam chegar a todos essa criação de verdade ou de padrão social. Esse poder é capaz de unir, pois é bem elaborado e estratégico. Foucault (2012) ainda fala que são essas relações que o assusta, relações tão bem planejadas, elaboradas e silenciosas, que diferentes das relações de poder passadas, que eram visíveis as formas de dominação e exploração dos que possuíam um pouco mais de poder.

As relações que assustam são as que justamente são planejadas de forma inteligente e nem sempre vista por todos, conseguem chegar a todos disfarçadas, disfarce que sempre faz parecer que o poder de agora é mais requintado que o de outrora, sem ser assustador. O que fica cada vez mais evidente que os sujeitos das relações de poder. Existe poder entre homens e mulheres, entre os que sabem e os que não sabem, relações de forças, entre grandes e

pequenos. Existem milhares de relações de poder. Pode-se observar que a estrutura de estado funcionaria entre essas relações de poder, a partir da força e da verdade.

Portanto não se trata de como o homem se encontra com o poder na sociedade, mas sobre como ele produz o poder em meio aos seus na sociedade. Este poder que não se formula sozinho, ou é obtido unicamente por alguém que possui um macro poder em meio ao grupo social. Mas esse que é encarado, planejado e executado pelos próprios indivíduos que em sua subjetivação e movimentações da própria identidade, se permitem e se relacionam com este poder na sociedade.

### **2.1.2 Sociedade Capitalista**

Primeiramente é preciso entender o que é uma sociedade capitalista, e em seguida, adentrar no mérito de como podem ser compreendidas as relações de poder a partir desta perspectiva. A sociedade capitalista é a que se molda, a partir dos seus interesses puramente capitais e que já não são vistos comunitariamente, mas passam a concentrar riquezas nas mãos de poucos, gerando uma organização de pessoas com formas de se relacionar, a partir do lucro. As estratégias de doutrinação sobre os indivíduos que nela subsistem, evidenciam como o capital determina todas as relações sociais e, fica claro, como o capital se movimenta e se fortifica sobre os indivíduos.

O capital é tudo o que a sociedade é capaz de gerar em um fluxo de rendimento por meio de sua produção. Ele nada mais é, do que incentivo ao lucro, segundo Neto e Braz eles afirmam que:

Ao longo de sua existência, o capitalismo moveu-se (move-se) e transformou-se (transforma-se); mobilidade e transformação estão sempre presentes nele: mobilidade e transformação constituem o capitalismo, graças ao rápido e intenso desenvolvimento de forças produtivas que é a sua marca (NETTO; BRAZ, 2012, p.182).

O capitalismo funciona na sociedade para se desenvolver e criar recursos. Ele é mobilidade, algo em constante movimento de transformação para se adequar às várias formas de trabalho e forças da sociedade. Capaz de enfrentar qualquer que seja a força que se coloca em sua frente ameaçando seu sistema de renda. Pode-se dividir a sociedade nessa perspectiva em dois pontos: primeiro, os poucos que possuem uma larga quantidade de renda; segundo, os muitos que possuem pouca renda, mas que estão a serviço dos que possuem uma grande quantidade de poder sobre o sistema financeiro das classes.

Essa divisão entre capitalistas e proletários providas do sistema capitalista que se instala nos indivíduos, rotulando os que muito têm e os que pouco possuem, sendo estes últimos, os que vendem sua mão de obra para sua própria sobrevivência e passam a ser uma espécie de escravos do trabalho. Essa mão de obra escravista se dá quando os direitos de fala são retirados e a única coisa que querem dos indivíduos é sua mão de obra, horas de trabalho e pouca valorização. Contudo, partindo do pensamento de Marx quando diz que:

O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele se confronta com a matéria natural como uma potência natural [...]. A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências que nela jazem latentes e submete o jogo de suas forças a seu próprio domínio (MARX, 2013, p.225).

Têm-se então, em conformidade com o pensamento de Marx, que o homem não deve ser escravo do trabalho, ao contrário, o homem desenvolve as potências que na natureza existem. Porém, a força do trabalho na sociedade capitalista faz do homem um objeto de produção de renda, no qual se torna um produto a ser consumido.

Segundo Antunes (2009, p. 103) Modifica-se a noção de classe trabalhadora com o conceito da "classe-que-vive-do-trabalho" "[...] para englobar tanto o proletariado industrial, como o conjunto dos assalariados que vendem sua força de trabalho (e, naturalmente, os que estão desempregados, pela vigência da lógica destrutiva do capital)" a sociedade é dividida entre os que dominam o capital e os que sustentam o capital com sua mão de obra. A divisão nunca vai ser igualitária nesse sistema que por natureza é desigual com os mais pobres.

O sistema de poder funciona pela exploração da mão de obra e sacrifício do indivíduo que se coloca à venda pela falta do emprego e a cultura do descartável, gerando um enfrentamento diário entre os que tudo possuem e os que nada possuem para sobreviver, além de sua mão de obra. A divisão de classes sempre foi um grande divisor da sociedade passada e moderna. Os que nada tem sobrevivem apenas da sua mão de obra que muitas vezes é comprada por um valor inferior ao que de fato mereciam receber, gerando sempre um capital em maior quantidade nas mãos dos que já possuem meios de sobrevivência estável. O capitalismo, nesta perspectiva, sempre se encontra como um poder de dominação, exploração de indivíduos que possuem uma vida menos favorecida diante da sociedade.

### **2.1.3 O modo de produção capitalista**

O modo de produção capitalista está diretamente ligado ao trabalho que o homem produz em meio às regras e a necessidade de trabalhar para suprir sua vida. Partindo dessa compreensão de produção, podemos perceber as relações de interesse que são postas entre patrão e empregado. A divisão acontece da seguinte forma: o capitalismo ou a burguesia possuem toda renda e matéria, o trabalhador seria, então, aquele que não possui dessa matéria e precisa se manter, e a única forma é vendendo sua mão de obra para produzir sem parar renda para o capitalismo. De acordo com Marx:

O segundo período do processo de trabalho, em que o trabalhador trabalha além dos limites do trabalho necessário, custa-lhe, de certo, trabalho, dispêndio de força de trabalho, porém não cria valor algum para o próprio trabalhador. Ele gera mais-valor, que, para o capitalista, tem todo o charme de uma criação a partir do nada. A essa parte da jornada de trabalho denomino tempo de trabalho excedente [...], e ao trabalho nela despendido denomino de mais-trabalho (MARX, 2013, pp. 292-293).

Sendo assim, esse dispêndio que é produzido para o consumo das energias do trabalhador, faz dele um homem sem valor. Na medida que é sugado de si próprio seu valor, sua força de trabalho, esse valor que é extraído, transforma-se apenas em uma ferramenta fundamental para o capitalista. Neste sentido, o indivíduo é visto como uma peça de trabalho, não importando a maior carga horária de trabalho a mais. O trabalhador no modo de produção capitalista deve estar em constante produção. Pode-se ainda rever esse funcionamento da produção quando Marx diz que:

Para prolongar o mais-trabalho, o trabalho necessário é reduzido por meio de métodos que permitem produzir em menos tempo o equivalente ao salário. [...] a produção do mais-valor relativo revoluciona inteiramente os processos técnicos do trabalho e os agrupamentos sociais (MARX, 2013, p. 578).

É partindo dessa perspectiva do trabalho que se pode identificar uma grande forma de poder que se instala nesses sistemas, ficando claro, que não se aumenta as horas do trabalho, mas a quantidade de trabalho em menos tempo. A divisão de trabalhadores em grupos, as metodologias de dominação para com os que trabalham, a chegada de maquinário, tudo isso gera no homem a necessidade de produzir, às vezes, quase tão rápido como máquinas humanas. Para que não sejam completamente excluídos, os indivíduos tentam auxiliar as máquinas, que produzem em um curto tempo o salário que o trabalhador precisa conquistar de forma bem mais lenta, mas para que não possa ficar sem seu sustento se transforma em uma máquina de produção constante. O que se pode refletir da seguinte forma:

Era necessário racionalizar ao máximo as operações realizadas pelos trabalhadores, combatendo o "desperdício" na produção, reduzindo o tempo e aumentando o ritmo de trabalho, visando a intensificação das formas de exploração. Esse padrão produtivo estruturou-se com base no trabalho parcelar e fragmentado, na decomposição das tarefas, que reduzia a ação operária a um conjunto repetitivo de atividades cuja somatória resultava no coletivo [...], o trabalhador coletivo das grandes empresas verticalizadas e fortemente hierarquizadas (ANTUNES, 2009, p.39).

Deste modo, entende-se que o modo de produção capitalista em consonância com o pensamento de Marx (2013), nada mais é do que as relações entre os homens e suas relações de força que podem ser abordadas de maneiras diversas. Este homem que de acordo com Antunes (2009) é obrigado a intensificar sua força de produção, sendo simplificado e resumido a uma tarefa de produção, na qual o próprio capitalismo o molda para desenvolver lucro, intensificando suas relações, intensificando a mão de obra para sobreviver.

#### **2.1.4 O poder como dominação de classe na sociedade capitalista**

É necessário compreender o poder como dominação na sociedade capitalista além da perspectiva do poder industrial, ou seja, macro, mas partir para uma dimensão do micro poder, revelando sua devida movimentação nas classes sociais capitalistas. Deste modo, pode-se afirmar que o poder em sua dinamicidade, cria estratégias de dominação para o indivíduo que se moldam a partir da criação e jogos de verdades e poderes.

De acordo com Porto (2017) O poder se apresenta como o indivíduo que não para de se interrogar. Sendo assim, o poder que habita a sociedade e domina as classes sociais não pode ser definido somente na visão do macro, do capitalismo como regra definida ou elaborada de dominação da sociedade.

Não existe sociedade sem poder, toda sociedade ou classe social, elabora seus sistemas de dominação e de controle uns sobre os outros. Tornar-se livre deste poder é como não querer pertencer a nenhuma sociedade, pois interações deste tipo existem desde sociedade primitiva. Para falar dessa dominação, destaca-se a entrevista de 1977, intitulada: Poderes e estratégias, publicada em Ditos e escritos IV, Foucault:

Quando tratamos da positividade não se está querendo destacar o papel positivo da dominação, muito pelo contrário, a positividade possibilita aberturas em meio a qual o indivíduo pode vir a subjetivar-se por meio das resistências, das lutas e mesmo da oposição ao poder. Que não se deve, portanto, pensar um fato primeiro e maciço de dominação (uma estrutura binária com, de um lado, os "dominantes" e, do outro, os "dominados"), mas, antes, uma produção multiforme de relações de dominação, de poder "servem", de fato, porém não porque estão "a serviço" de um interesse

econômico dado como primitivo, mas porque podem ser utilizadas em estratégias (Foucault (2012a, p. 243-244).

Assim, para Foucault (2012) o poder como dominação de classe na sociedade capitalista que se manifesta ao homem, diz mais propriamente sobre os micros poderes, a subjetividade que se instaura na sociedade, que se relaciona, não deixando de lado os poderes binários que são criados, mas mostrando, por outro lado, que conforme a sociedade se desenvolve, nela também se cria estratégias de subversão ou resistência da dominação.

### 2.1.5 A divisão da sociedade entre capitalista e proletário

Para compreender essa divisão entre capitalista e proletariado é necessário identificar quem são os proletários, e como são vistos na divisão de classes. Refletindo sobre o pensamento de VAN (2016) em *O conceito marxiano de proletariado: uma crítica*. Os proletários são todos os grupos de trabalhadores que procuram seu espaço na sociedade, na qual, são por vezes rejeitados, querendo mostrar seu valor não só por sua força de trabalho, mas pela capacidade de articulação e afronta ao poder que se instala nas classes mais desenvolvidas. Segundo o pensamento de Marx e Engels:

Por volta de seus vinte anos, Karl Marx chegou à conclusão de que o proletariado era a única força social capaz de transcender o capitalismo. Sua *Contribuição à crítica da filosofia do direito de Hegel* (1843-1844) caracteriza o proletariado como, uma classe *na* sociedade civil que não é uma classe *da* sociedade civil, um estamento que é a dissolução de todos os estamentos, uma esfera que possui um caráter universal por seu sofrimento universal e que não reivindica nenhum *direito particular*, uma vez que nenhuma *injustiça em particular*, mas sim a *injustiça de modo geral*, lhe é perpetrada. O proletariado é a “antítese pura” da sociedade vigente, que por sua vez é “a *completa perda* do homem e, portanto, só pode ganhar a si mesma através de uma *completa reconquista do homem*” (MARX; ENGELS, 1843, p.186, grifos no original).

Conforme Karl Marx (1848), por mais que o proletariado seja um grupo universal, é destrutado e sem direitos. Mas, é também o único grupo com força real de poder para se articular enfrentando o capitalismo, surgindo à oportunidade de uma classe que não é classe para a sociedade civil mostrar seu valor. O proletariado, a partir do contexto social de Karl Marx, era todo e qualquer grupo que não conseguisse se encaixar na burguesia, como vendedores, agricultores, entre tantos outros, que necessitavam vender sua força de trabalho para sobreviver, ou trazendo para a atualidade, o capitalismo. Marx e Engels (1845 – 1846)

acreditam que somente enfrentando essas forças o homem se reformularia e conquistaria a si próprio, nesta perspectiva:

Gradualmente, a natureza da autoemancipação proletária foi se tornando mais clara para ele. Em *A ideologia alemã* (1845-1846) ele afirma que a abolição da sociedade burguesa demandará a apropriação coletiva de todas as forças produtivas. Isto só poderá acontecer através de uma revolução, na qual, de um lado, o poder do modo anterior de produção e relação e a organização social sejam derrubados, e, de outro lado, o caráter universal e a energia do proletariado sejam desenvolvidos, condição para que se possa efetivar a apropriação, e, mesmo que o proletariado se liberte de tudo o que ainda o prende à sua prévia posição na sociedade” (MARX; ENGELS, 1845-1846, p.88).

Com a autoemancipação proletária, ou seja, a independência e liberdade, a burguesia e suas forças são abolidas conforme o enfrentamento do proletariado, unindo suas forças para se ressignificar na sociedade de forma universal, não sendo eles os que ficam à margem da burguesia, mas os que possuem o poder de igualdade pela luta diária. Essa luta de classes pode ser compreendida da seguinte maneira.

Quanto ao que me concerne, não pretendo ter descoberto nem a existência das classes na sociedade moderna nem a luta entre elas. Muito antes de mim, historiadores burgueses descreveram o desenvolvimento histórico dessa luta entre as classes, assim como os economistas burgueses o fizeram com sua anatomia econômica. Minha contribuição específica foi 1. Demonstrar que a existência das classes está inextricavelmente atrelada a certas fases históricas no desenvolvimento da produção; 2. Que a luta de classes leva necessariamente à ditadura do proletariado; 3. Que esta ditadura constitui não mais que uma transição à abolição de todas as classes e a uma sociedade sem classes (MARX, 1852, pp. 62-65).

A divisão de classes não é propriamente o que se quer discutir aqui, mas sobretudo, é necessário trazer este pensamento para identificar que a disputa por espaços de poder, até mesmo de sobrevivência, que se encontram entrelaçados de passado e de presente gerando não só uma divisão, mas exploração.

Essa mesma realidade que é descrita não se distancia da realidade atual. A burguesia que até hoje obtém um grande percentual de poder e controla o capital, usa das classes mais baixas para se desenvolver. O tempo passa e as várias formas de relações de poder, mesmo que enfrentadas pelos proletariados que conquistam seus espaços na sociedade, persistem, fazendo gerar sempre, a autodefesa, como também, mais estratégias de micro poderes, para sobrevivência entre capitalistas e proletários.

### **2.1.6 As dificuldades da constituição do homem no capitalismo**

Conforme o que foi desenvolvido acerca da sociedade capitalista, viu-se algumas fundamentações do pensamento de Karl Marx, e nesse sentido, se faz necessário, inicialmente, esclarecer acerca da relação Marx e Foucault. Na microfísica do poder, no texto em que Foucault escreve sobre as prisões, quando lhe é perguntado sobre se ele retoma o pensamento de Marx. Ele responde que sim, constantemente cita Marx, que é impossível pensar a sociedade capitalista sem Marx. O que ocorre é que existem pessoas que ainda não conhecem a elaboração do pensamento de Foucault e não percebem que ele está fundamentando sua fala e escritos em Marx, tendo em vista que, Foucault não se preocupa em abrir aspas, citar nota de pé de página ou outros elementos acadêmicos que geralmente se exigem para atestar um texto científico. Sobre Marx, afirma Foucault em *Microfísica do Poder*: “É impossível fazer história atualmente sem utilizar uma sequência infundável de conceitos ligados direta ou indiretamente ao pensamento de Marx e sem se colocar num horizonte descrito e definido por Marx” (FOUCAULT, 1979, p. 142).

Assim, conforme o que foi desenvolvido acerca da sociedade capitalista, o indivíduo se apresenta com dificuldades de se constituir. É preciso, então, que se investigue a condição dos micros poderes, inclusive na situação enquanto indivíduo que se altera, se modifica e cria estratégias e resistência diante de situações de crise.

O sujeito só pode se constituir na medida em que em meio a sua condição histórica e social possa criar mecanismos de enfrentamento ao poder no meio em que se vive, lutando pela sua existência, a partir da sua capacidade de observação de que não há como o indivíduo realizar seu processo de subjetivação sem antes ser o protagonista da sua própria história.

Assim, para ser protagonista da sua própria história, do presente, daquilo que se vive, Foucault em sua obra *Hermenêutica do Sujeito*, retoma ao conceito grego de *parástema* e explica como o sujeito pode se constituir em meio ao tempo ou situação que se vive da seguinte forma:

Os supracitados parastéma são três. [...] Um concerne àquilo que devemos considerar como bem: o que é o bem para o sujeito? O segundo dos parastémata concerne à nossa liberdade e ao fato de que tudo para nós depende, na realidade, de nossa própria faculdade de opinar. Nada pode reduzir nem dominar esta faculdade de opinar. Somos sempre livres para opinar como quisermos. Terceiro. (terceiro dos parastémata) é o fato de que não há, no fundo, para o sujeito, senão uma instância de realidade, e a única instância de realidade que existe para o sujeito é o próprio instante: o instante infinitamente pequeno que constitui o presente, antes do qual nada mais existe e após o qual tudo ainda é incerto [...] (FOUCAULT, 2004, pp. 353-354).

Partindo deste pensamento de Foucault, o sujeito para se constituir na sociedade, automaticamente nutrido de sua prática histórica, é necessário manifestar em si a capacidade

de opinar em meio ao sistema que está inserido, acreditando que como indivíduos livres, possam sempre opinar gerando enfrentamento ao poder que lhe quer oprimir em meio à sociedade.

Ademais, nenhuma estrutura deve deter-se da capacidade de retirada desta liberdade que segundo *parastémata*, que é o ato do ser livre, confrontar com suas opiniões, as pessoas ou movimentos que se entrelaçam com o poder. Sobretudo, não basta aqui que se resuma a uma análise de como o sujeito quer se comportar frente a divisão das classes, mas se faz necessário perceber o papel do indivíduo no tipo de sociedade em que se vive. Segundo Foucault (2004) trata-se da forma do sujeito se constituir partindo da ideia de alguns deslocamentos de si, que retrata da seguinte forma:

Primeiro, trata-se de um certo deslocamento do sujeito, quer suba até o topo do universo para vê-lo em sua totalidade, quer se esforce em descer até o cerne das coisas. De qualquer maneira, não é permanecendo onde está que o sujeito pode saber o modo como convém. Esse é o primeiro ponto, a primeira característica do saber espiritual (FOUCAULT, 2004, p. 373).

Este saber espiritual apontado por Foucault nada mais é do que a verdade criada pelo próprio indivíduo que usa da sua liberdade para dar início a sua subjetivação diante das realidades da sua sociedade. Essas verdades se elaboram pelas relações do homem na sua própria estrutura, seja de enfrentamento ao poder do capitalismo ou, a autoaceitação desses processos em sua sociedade, mostrando que não se pode passar pelo processo de subjetivação sem antes se deslocar de si próprio, esse deslocamento diz respeito a quebrar o comodismo e enfrentar os medos e desafios impostos no meio em que se vive.

O homem não se faz na sociedade somente a partir das leis elaboradas e das verdades contadas, a maior dificuldade de se constituir na sociedade capitalista, e se fazer ser quem de fato é, é deixar-se conhecer e ser reconhecido pela estrutura que se habita, ou seja, é somente partindo dos deslocamentos que se pode encontrar o seu lugar, que segundo Foucault 2004:

A partir deste deslocamento do sujeito, está dada a possibilidade de aprender as coisas ao mesmo tempo em sua realidade e em seu valor. E por “valor” entende-se seu lugar, sua relação, sua dimensão própria no interior do mundo assim como sua relação, sua importância seu poder real sobre o sujeito humano enquanto ele é livre (FOUCAULT, 2004 p. 373).

Deste modo, para se constituir na sociedade o homem envolto as técnicas de poder, partindo da sua liberdade, observa a realidade e conhece a si mesmo para compreender o exterior, que é o mundo. É somente se auto constituindo que se pode chegar a sua identidade na sociedade. Passando pelo processo de subjetivação, confrontando as suas verdades e seu

lugar entendendo a si próprio, de modo que é preciso compreender que enquanto a sociedade capitalista tenta manipular, controlar e destruir a verdade, somente nesse conhecimento de si pode ser adquiridas essas ações de enfrentamento ao poder.

### **3 RELAÇÕES DE PODER NO PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO NA FILOSOFIA DE MICHEL FOUCAULT**

Em ligação com o tópico anterior, que revela as dificuldades da constituição do homem na sociedade capitalista, é perceptivo que muitas das fragilidades encontradas entre homem e sociedade, estão intimamente ligadas com a falta ou o impedimento do processo de subjetivação do indivíduo. Este capítulo sobre as relações de poder na filosofia de Michel Foucault, vem apontar caminhos sobre como o indivíduo pode alcançar a subjetivação.

Em a *Ética do Cuidado de Si como Prática da Liberdade*, Ditos e Escritos V, Michel Foucault (2012, p. 260) destaca que cada época produz modos ou estilos preponderantes de subjetivação, de sujeição, de assujeitamento, de acomodação e de instalação produtiva dos indivíduos (de seus pensamentos e de suas vontades à ordem estabelecida). A partir dessa compreensão, Foucault mostra que o indivíduo é imagem do seu tempo. Desse modo, carrega consigo suas vontades e formas de se desenvolver na sociedade em que permanece em seu tempo presente.

Foucault fala sobre algumas técnicas para desenvolver esse acordar para a subjetivação, vejamos:

[...] se agora me interessa de fato pela maneira com a qual o sujeito se constitui de uma maneira ativa, através das práticas de si, essas práticas não são, entretanto, alguma coisa que o próprio indivíduo invente. São esquemas que ele encontra em sua cultura e que lhe são propostos, sugeridos, impostos por sua cultura, sua sociedade e seu grupo social (FOUCAULT, 2004d, p. 276).

O homem não surge do nada, sem cultura, sem estar em grupos, ele é movimento, e nesse desenvolvimento, por mais que o homem seja moldado a outras culturas e formas de ser, que não seja a dele, dentro deste mesmo indivíduo, existe alguém que precisa carregar suas próprias vontades, desejos e culturas. E que neste desencadeamento ao seu interior, se mostre ao mundo como se é realmente em um processo de constituição da subjetivação na sociedade em que se encontra.

### **3.1 Subjetivação e Relação de Poder**

Foucault (2012) em a ética do cuidado de si como prática da liberdade Ditos e escritos V, relacionando as formas de poder e subjetivação, diz que não existe uma única medida para todos os indivíduos, mas que todos carregam lutas diárias de enfrentamento da seguinte forma:

[...] não há um sujeito soberano, fundador de uma forma universal de sujeito que poderíamos encontrar em todos os lugares. Sou muito cético e hostil em relação a essa concepção de sujeito. Penso, pelo contrário, que o sujeito se constitui através de práticas de sujeição ou, de maneira mais autônoma, através de práticas de liberação, como na Antiguidade - a partir, obviamente, de certo número de regras, de estilos, de convenções que podemos encontrar no meio cultural (FOUCAULT, 2004, p. 291).

Percebe-se, neste sentido, que para Foucault a subjetivação é compreendida historicamente, e seu curso é indefinido, passando não pela disciplina de indivíduos que devem seguir sempre uma mesma linha de ação e costumes, mas pela abertura, a reinvenção do curso da vida. O indivíduo não é um programa pronto e acabado, com um roteiro definido, o homem é, então, protagonista de sua própria história. A história dos indivíduos, por sua vez, está ligada a suas raízes que não são regras, esse mesmo que não carrega consigo essência, mas que é constituído de história, do agora, do presente e dos movimentos que são capazes de gerar e que não são bulas que definem quem o é, mas que o ajuda a revelar para si e a todos quem de fato seja o indivíduo com suas formas e estratégias de se subjetivar-se.

Em Porto (2017) *Caminhos da liberdade em Foucault*: das relações de poder ao cuidado de si no processo de subjetivação, tem-se que para Foucault a primeira condição para a constituição do indivíduo enquanto sujeito é a de que ele mesmo possa se configurar enquanto um ser histórico de modo a conhecer suas histórias, seus limites. A forma com que o sujeito se permite ser passivo ou operante do poder, faz dele alguém que encontra possibilidades de subjetivação, mesmo que os sinais sejam lentos e quase invisíveis. Os indivíduos que se colocam frente ao poder também são impulsionados a tomarem decisões em torno de sua liberdade, ou seja, de quem quer ser de fato.

É interessante que Foucault deixa claro que a forma como o sujeito entra no modo de subjetivação não é automática ou de imediato, é preciso estar envolvido ao poder de alguma forma, seja de maneira passiva ou ativa. É na passividade que se acolhe o poder que o domina, mas é neste mesmo estado que, diante de sofrimentos o faz também se perguntar acerca de seu contexto histórico, se realmente é isso o que ele quer. Da mesma maneira, funciona para com os que estão produzindo o poder, ambas ocasiões, tanto do que se faz obedecer como o que se faz ditar o poder, cria-se a possibilidade de pensar em seu ser histórico, se realmente o homem se faz livre em sua sociedade mediando ambas as relações de poder. É pensando assim que o indivíduo vai então se desenvolvendo, segundo Porto:

O sujeito que constitui a si mesmo em sua história e nela mantém-se vivo é aquele que não somente suspeita a dúvida, mas, acima de tudo, analisa a todos e até a si mesmo. É aquele que vive a sua história, entra, no jogo da vida e nele se posiciona, dribla o poder como estatuto, é subversivo na medida em que se joga sistematicamente, o jogar de forma sistemática significa que o indivíduo não mais se portará como aquele que realiza a suspensão de todas as certezas; em contrapartida, luta contra a negatividade de si mesmo ou pela sua própria vida, por sua subjetividade tolhida pelo poder. Ele é capaz de sentir, perceber, pensar, agir, reagir e modificar nesse movimento a si mesmo e, conseqüentemente, sua própria história. (PORTO, 2017, p. 101.)

Assim, o sujeito que constitui a si mesmo está inserido em todos os campos do poder. Nesse sentido, podemos ter uma visão de que as relações de forças (próprias do indivíduo que modifica o seu estado) e as relações de poder (condições históricas) são micropoderes, eles existem, e são eles que fazem com que o indivíduo acorde em meio às demandas de poder para só então iniciar seu processo de subjetivação, sendo capaz como Porto (2017) diz, de sentir as coisas ao seu redor, percebê-las, agir a favor ou contra, e sendo contra, reagir aquilo que não lhe faz livre, modificando a si mesmo e sua história.

Por outro lado, é preciso sempre lembrar que esse processo faz com que o indivíduo se confronte com o Poder que está instituído. Nesse processo em que o indivíduo se questiona

sobre a verdade que o poder que o detém prega, ele passa a ter relações com as técnicas de poder, ou seja, tecnologias que fazem com que se tornem dominados ou dominadores. O homem só consegue se constituir com todas as suas vontades, se neste contexto, confrontar lutas diárias de relações de poder, somente fazendo este caminho é que pode ser detentor da sua própria história.

Para Foucault, (2004) em *Hermenêutica do sujeito*, ao falar sobre os exercícios do poder, ele mostra como o homem em sua história deve perceber-se para então entrar em sua subjetivação:

Trata-se de uma espécie de “heautosopia”. O sujeito deve perceber-se na verdade de seu ser. [...] o efeito deste saber sobre o sujeito está assegurado pelo fato de que nele o sujeito não apenas descobre sua liberdade, mas encontra em sua liberdade um modo de ser que é o de toda a perfeição de que ele é capaz (FOUCAULT, 2004, p. 373).

Essa palavra “heautosopia” significa para Foucault como o sujeito deve se perceber na realidade do seu ser histórico, em que surge a necessidade de perceber como ele mesmo se constitui e entra em seu processo de subjetivação. Toda subjetivação tem início na medida em que se abre a possibilidade de deslocamento do indivíduo para si mesmo, de modo que enxergando com outros olhos a sua realidade, deve também conforme sua liberdade começar a transformar as coisas à sua volta, e desta forma se reencontrar nesta mudança contínua.

Foucault deixa claro que essa transição para o conhecimento de si mesmo conforme a abertura para o processo de subjetivação só é possível também partindo de práticas e exercícios constantes. Esses que por sua vez, diante do poder, vão exercitar suas novas práticas e técnicas de enfrentamento. Como analogia, ele usa, por exemplo, um atleta que pratica constantemente formas para ganhar uma competição, assim nessas relações de poder e força, é necessário passar pela compreensão histórica de cada indivíduo. Foucault vem falar dos movimentos necessários para isso da seguinte forma:

E esta aprendizagem de alguns movimentos elementares, necessários e suficientes para qualquer circunstância possível, que constitui o bom treinamento, boa ascese. E a paraskeué não será mais do que o conjunto de movimentos necessários e suficientes, o conjunto de práticas necessárias e suficientes para permitir-nos ser mais fortes do que tudo que possa acontecer ao longo de nossa existência. É esta a formação atlética do sábio (FOUCAULT 2004, p. 388).

É então, conhecendo a si próprio e ao seu contexto, que o indivíduo em processo de subjetivação, passa a sentir a necessidade de exercícios para conseguir ter autocontrole de si mesmo, na medida em que passa a encarar o poder com mais força e mais clareza. De modo que, sendo livre em sua verdade, essa que não mais é elaborada pelos outros, mas construída

passo a passo conforme o processo de subjetivação do próprio homem, será livre perante a sociedade.

### **3.2 Indivíduo como protagonista das relações de poder**

Foucault retoma conceitos gregos para explicar o exercício do poder. Entre tais conceitos está o *paraskeuê*. Ele compreende o poder nas relações, que se manifesta entre os indivíduos de vários modos. As práticas e exercícios possibilitam evidenciar, tanto no interior como no exterior do homem como seu processo de subjetivação pode acontecer. Com o poder instalado na sociedade pode ser percebido nas suas diversas manifestações: na sexualidade, na afetividade, na loucura, na prisão, entre tantos outros que condicionam o modo de existência ou como o sujeito se constitui como tal. Isso faz compreender a partir de cada relação que se é vivenciada na sociedade a capacidade dos indivíduos de se relacionar com suas práticas e exercícios do poder.

O *paraskeuê*, segundo Porto (2017, p.155), em *Caminhos da Liberdade em Foucault: das relações de poder ao cuidado de si no processo de subjetivação*, é o “[...] modo de o sujeito se constituir no desenvolvimento de práticas de si por meio de exercícios que permitam ao indivíduo construir processualmente sua própria subjetivação”. Deste modo, é somente a partir do aprofundamento que o indivíduo tem sobre sua realidade e seus exercícios, que é capaz de despertar para si sua subjetividade, ou seja, seu “eu” no mundo, como realmente é, com todas suas práticas, vontades e realidades.

As práticas de poder neste aspecto se manifestam no despertar do homem para si próprio, não seguindo um padrão estabelecido pela sociedade, mas enfrentando os dilemas que o rodeiam. É somente nos enfrentamentos ao poder que surgem as vontades de se desenvolver conforme seu processo de subjetivação. As relações de poder se criam, entre, aqueles que dominam, fazem ser dominados e sobre os que ainda querem dominar.

O pensamento sobre as práticas que levam as relações de poder com Porto e Caminha (2018, p. 165) em *Michel Foucault, Os Modos do Sujeito Se Constituir e As Formas De Práticas de Si*,

As formas das *práticas de si*, Foucault as percebe no indivíduo em processo de subjetivação, pois há neste indivíduo uma preocupação ao cultivo do *ethos* – o *cuidado de si* – o exercício de práticas de si para viver bem diante das adversidades

do momento presente. Assim, as *práticas de si* não se constituem apenas e unicamente como formas, mas sobretudo se apresentam como movimentos intrínsecos à condição de existência. Nesse sentido, elas estão presentes em cada ação e em cada reação do indivíduo em processo de subjetivação, por isso mesmo as investigamos em nossa pesquisa como modos do sujeito se constituir (PORTO; CAMINHA, 2018, p. 165).

Este pensamento de Porto e Caminha (2017) entrelaçados ao saber do filósofo Michel Foucault, faz pensar as relações de subjetivação, que o homem desperta para seu interior, percebendo as relações que o envolve, fazendo com que se transforme em um indivíduo que consiga ser protagonista de sua própria história. Esse protagonismo que se desenvolve, quando voltando para suas próprias vontades e desejos em meios as relações da sua vida, surge o cuidado do *ethos*, o cuidado para consigo mesmo. O olhar se abre para enxergar claramente toda a sociedade e suas relações partindo do próprio indivíduo com suas forças e vontade de ser quem realmente quer ser. A visão de mundo não surge mais de fora para dentro, mas quando se consegue entrar em seu processo de subjetivação, são as próprias verdades do sujeito que prevalece na construção de um novo comportamento frente às relações de poder.

O primeiro movimento que Foucault propõe é o do próprio sujeito como indivíduo que é livre para se constituir enquanto tal e esse é, sem sombra de dúvidas, é o maior bem que pode ser cultivado. Por conseguinte, movido por esse bem, por sua liberdade, é possível realizar o deslocamento do saber. Vale salientar que nesse momento Foucault apresenta o saber como “saber espiritual”, isto é, ao saber que se institui como verdade para o indivíduo, por ser constituído pelo próprio indivíduo em sua subjetividade (PORTO; CAMINHA, 2018, p. 167)

Para se ter um bom desenvolvimento nas relações de poder é preciso ter um bom deslocamento de si mesmo. É se desmontando, se reconfigurando que o novo saber, que seria o saber espiritual, - esse que não é um saber envolvido a religiosidade, mas um saber próprio de cada indivíduo, - que pode ser protagonista da sua própria relação de poder. De acordo com Foucault:

[...] a partir deste deslocamento do sujeito, está dada a possibilidade de apreender as coisas ao mesmo tempo em sua realidade e em seu valor. E por "valor" entende-se seu lugar, sua relação, sua dimensão própria no interior do mundo assim como sua relação, sua importância seu poder real sobre o sujeito humano enquanto ele é livre (FOUCAULT, 2004, p. 373).

Deste modo, para que o homem seja protagonista não só do poder, mas da sua própria vida, é necessário passar por esse caminho de subjetivações. Evidentemente, este caminho não é fácil, mas é necessário e contínuo, que se aprende partindo das práticas de poder que se

instala em sua vida, seja nas formas de relacionamento que se apresenta aos indivíduos ou consigo mesmo. Essas práticas que se apreende neste processo não faz do homem, alguém liberto do poder. Mas a subjetivação, ao contrário, coloca-o frente ao poder para enfrentá-lo.

### **3.3 O poder operante pelo discurso**

De acordo com o pensamento de Gregolin (1995, p. 17) em a obra *Análise do Discurso: Conceitos e Aplicações*. “Entendemos, portanto, discurso como um dos patamares do percurso de geração de sentido de um texto, o lugar onde se manifesta o sujeito da enunciação e onde se pode recuperar as relações entre o texto e o contexto sócio-histórico que produziu”. Tal definição conduz ao ponto sobre o poder operante pelo discurso.

Foucault alerta que o poder para se fazer dominar pela oportunidade do discurso se faz presente em diversas formas de ideologias, ou seja, de verdades e formas criadas segundo a época e o lugar, existindo então, sempre um contexto para cada manifestação do poder operante na vida dos indivíduos. No entanto, Foucault se coloca contrário a esse tipo de manipulação. Exemplos desse poder que se faz presente pelo discurso.

Contra as formas de dominação (ética, social e religiosa); contra as formas de exploração que separam os indivíduos daquilo que eles produzem; ou contra aquilo que liga o indivíduo a si mesmo e o submete, deste modo, aos outros (lutas contra a sujeição, contra as formas de subjetivação e submissão) (FOUCAULT, 1995, p.235).

Essas lutas e enfrentamentos ao poder que separam o indivíduo daquilo que o liga a quem de fato ele é, está intimamente ligada às ideologias religiosas, políticas e sociais. De modo que, esses espaços que geram a manipulação, pretendem usar do discurso para que o processo de subjetivação do homem não consiga alcançar o seu senso crítico. Gerando sempre um ciclo vicioso, daqueles que dominam com suas ideologias e discursos, sobre aqueles que se permitem ser dominados.

Segundo o pensamento do filósofo, não há relações de poder onde as determinações estão saturadas (FOUCAULT, 1995, p. 244). Nem sempre os poderes fazem de alguém passivo pela vontade do sujeito em ser dominado, mas, pelas formas que o poder se utiliza através do discurso, usado para amedrontar, alienar e obrigar o indivíduo, fazendo dele um alguém sem escolha de vida.

Não existe sociedade sem relações de poder, segundo Foucault, “é uma tarefa política incessante” (FOUCAULT, 1995, p. 246), sempre vão existir manifestações do poder na sociedade. As relações e resistências ao poder sempre vão estar presentes em todas as formas

de desenvolvimento humano. O poder que se faz produzir pelo o discurso pode ser encontrado diariamente em nosso meio, até como forma de protesto ao próprio poder. Por exemplo, os partidos políticos que criam discursos para que o sigam em suas ideologias, as religiões com seus dogmas criados e repassados por gerações, são todos, meios de manipulação e formas do poder se fazer dominar pelo discurso.

Desta forma, os discursos televisivos, as propagandas, as rádios, todos esses meios de comunicação, pregam um discurso, seja ele negativo ou positivo para os indivíduos, mas são inseridos na sociedade diariamente, e somente estando em processo de subjetivação é que o indivíduo irá acolher aquilo que de fato lhe representa ou não. Fora desse processo de conhecimento de si mesmo e de suas raízes, o homem se torna uma “marionete” nas mãos dos que possuem a capacidade de manipular o discurso.

O discurso está ligado intimamente com o tempo em que o sujeito está vivendo ou viveu. Não se acredita em um discurso sem precedentes, as palavras criadas como dogmas fazem grande efeito quando introduzidas desde berço aos indivíduos, ou seja, são as ideologias formadas na sociedade que faz com que o poder se manifeste pelo discurso. O jeito com que a mulher é desfavorecida até nos dias de hoje é uma forma de discurso preconceituoso que se enraizou na sociedade desde tempos primários, quando os homens eram os únicos a ter o direito de fala. Neste contexto, que com o passar do tempo, com a subjetivação da mulher e a sua capacidade de se entender e questionar o mundo a sua volta, se cria um novo discurso, no qual as mulheres possuem direitos iguais. Esse novo tempo ou discurso começa a gerar outras verdades e novos discursos na sociedade.

A sociedade é constituída de discursos. A forma com que se veste, como se come, onde se anda, são calculadamente definidas pelo poder de manipulação social que o discurso tem. As propagandas, por exemplo, são fortes meios de padronizar os indivíduos conforme a verdade da sociedade. O cabelo liso, a mulher loira, são sinônimos de uma sociedade que ainda não conseguiu se desligar dos seus preconceitos, e que luta diariamente para manipular os indivíduos a não entrarem ou a pararem seu processo de conhecimento de si, pois estando neste processo de subjetivação, não se é manipulado, pois já se compreende seu papel no mundo e seu jeito de ser independente de propagandas e verdades elaboradas pelo sistema.

Podemos compreender o poder operante pelo discurso considerando a parresia. Para Foucault, não é uma arte, mas sobretudo, funciona como ferramenta que proporciona a desmistificação da verdade, ou seja, faz com que o homem aprenda a questionar as coisas, assim como, não acolher tudo diretamente como verdades concretas. É nas elaborações dos

discursos enquanto verdade que a parresia aparece, ela vem fazer com que o indivíduo se constitua, sendo ele mesmo em meio as relações que o envolve, com seus processos de subjetivações, encontrando e sabendo qual o seu lugar na sociedade.

### 3.4 Estratégias e resistências ao Poder

Pensar nas estratégias de resistência ao Poder, é se referir ao Poder com “P” maiúsculo, esse que por sua vez é o macro poder, que aqui se refere a estratégias fortes, usadas pelo o poder, como a opressão. Neste contexto que se trilha como o Poder se desenvolve na sociedade capitalista, e como se prolifera em meio aos indivíduos, também parte para o pensamento de que, a resistência surge na medida em que o poder existe, com suas forças e estratégias de sobrevivência, só existe poder, porque existe resistência dos indivíduos.

Conforme Grabois, (2004, p. 241) Foucault, em *Não ao sexo rei*, afirma que a resistência não é anterior ao poder, além de não poder ser constituída como uma substância, nesse sentido, onde há poder, há resistência.

Resistência não é uma substância e não é anterior ao poder que ela enfrenta, sendo a ele coextensiva e absolutamente contemporânea. “Para resistir”, afirma Foucault, “é preciso que a resistência seja como o poder”, “tão inventiva, tão móvel, tão produtiva quanto ele”, e “que, como ele, venha de ‘baixo’ e se distribua estrategicamente” (GRAB OIS, 2011, p.12)

É pensando na resistência ao poder e como ele se instala aos poucos e de forma estratégica, que se pode compreender como o indivíduo se movimenta enfrentando as relações que são postas à sua frente. As resistências partem de pequenos grupos, como o micro poder, que se movimenta e se configura em meio ao homem.

Assim, a resistência se cria com o tempo, como a subjetivação que é constituída por um caminho elaborado a partir de grandes lutas. As grandes manifestações que são criadas surgem em primeiro ponto de pequenos grupos inconformados, até que essas mesmas inquietações se tornem um macro poder na sociedade, ou seja, uma grande resistência ao poder que neste contexto oprime, ou cria barreiras para que a liberdade de cada um possa se desenvolver.

Foucault em *Não ao sexo rei* nos informa que:

[...] jamais somos aprisionados pelo poder, sendo sempre possível modificar a dominação que a relação de poder tenta exercer em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa. [...] a partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência (FOUCAULT, 2004, p. 241).

Foucault nesta reflexão faz pensar que se existe a possibilidade de poder, existem também formas de resistências. A resistência nada mais é que ter o poder de ser quem realmente se “é”. Quando existe a resistência, o homem passa a enfrentar a sociedade com suas verdades, não sendo ele mais manipulado pelo o poder do discurso, gerando autonomia para ser na sociedade aquilo que deseja ser.

Foucault (1976-1988), em *Ditos e Escritos II*, diz que, “a resistência é um elemento dessa relação estratégica em que consiste o poder” e que “a resistência toma sempre apoio, na realidade, sobre a situação que ela combate”. Sendo, então, as resistências geradas de acordo com a realidade sobre qual o indivíduo está inserido. Se voltar o caminho sobre a resistência criada entre as relações de poder e proletariado, pode compreender o que seja de fato a palavra resistência, como ato de resistir.

O sentimento de resistir é quase como gritar por vida, por liberdade. Neste aspecto, a lembrança dos proletários, é quase como denunciar a opressão e a manipulação que os eles sofriam, as fábricas nesse aspecto, podem ser enxergadas como uma grande detentora do poder ativo e controlador. O mais trabalho e menos salário, o trabalhar muito e comer de menos, são pontos fortes que claramente podem ser enxergados com a desigualdade entre essas classes, proletariados e capitalistas.

É preciso entender que na sociedade cada homem e mulher, possuem suas particularidades, e que cada grupo inserido na sociedade possui sua cultura, sua forma de pensar, de falar e de ser comunidade. Quando o poder das grandes empresas, dos partidos, dos governos, da educação, e tantas outras instituições se esquecem disso, é necessário o ato de resistir, fazendo com que lembrem que a sociedade não pode ser fruto de uma manipulação dos grandes dominadores do poder.

A resistência surge na mesma medida em que o indivíduo desenvolve os seus processos de descobrimento, ou seja, de subjetivação. Quando o homem entende seu lugar de fala na sociedade e entende que nesses processos ele não precisa ser sempre o passivo, mas que necessariamente pode ser alguém ativo, buscando crescer com suas forças e vontades, a resistência se torna sua maior aliada nesta luta de sobrevivência social. Não se pode estar por estar em uma sociedade, é preciso permanecer nela, e para permanecer, é necessário descobrir em meio as lutas, estratégias de sobrevivências ao poder. Sobreviver é resistir, e resistência significa lutar por espaço, lutar por voz, por vez.

Se o poder que se fala aqui é justamente o poder em modo opressor, é preciso então trilhar um caminho de conquista da liberdade. A liberdade não se dá pelo ato passivo, mas que

se cria principalmente pelo comportamento de enfrentamento às realidades que controlam, ou tentam diariamente manipular a grande massa da sociedade. Seja o poder pelo discurso ou outras formas. Para se vencer essa luta de submissão, é preciso ter resistência, isso é, enfrentar esses poderes. Lembrando que o poder jamais se desfaz, é dinâmico, astuto. Portanto, é somente capaz de mudar a realidade de submissão e controle, aquele que em seu processo de subjetivação, ganha forças para resistir e mostrar para o mundo, a sua maneira de ser.

#### **4. CONCLUSÃO**

Toda expressão do poder, seja ele em macro ou micro desenvolvimento, precisa-se ter como ponto de partida as relações entre os indivíduos. Esses que por sua vez, são contemplados de forma tão específica a serem estudados e observados por Michel Foucault. Não sendo ele a definir o que seja o poder, mas estudar como o poder se envolve e se desenvolve, em meio às relações humanas efetivas.

Tendo como tema central os Processos de Subjetivação e Relações de Poder em Michel Foucault, essa pesquisa monográfica buscou caminhar entres algumas áreas de

relações que o poder usa para se instalar no meio dos indivíduos, tomando como base a obra de Michel Foucault, (2012) em *Ditos e Escritos IV: Estratégia, Poder-Saber*. Conclui-se que, o poder acima de tudo, é algo que se movimenta entre todos, que está em contínuo desenvolvimento entre as relações da sociedade. Desde relações que estão sendo criadas em meio a uma sociedade capitalista, a indivíduos que buscam ser protagonistas de sua própria história, inseridos nessa mesma sociedade, esses que por sua vez adentram em seu processo de subjetivação.

É evidente que nenhum indivíduo ao nascer, está livre do poder, ao contrário, são colocados frente ao poder. A cada etapa da vida o homem é cobrado para que se relacione de algum modo, seja pela sexualidade, trabalho e família, as diversas relações são construídas, a partir de relações de poder. Deste modo, se existe poder, é porque existem relações.

A verdade, é que a cada capítulo que foi escrito, assim como cada tópico, percorrido, é como uma caminhada em meio às relações que envolve a sociedade. O poder não é um objeto que se pode comprar, nem até mesmo um objeto de uso pessoal. Mas o poder se relaciona, ele é movimento, construído de relações humanas. O que faz Foucault ser tão bem aceito com seus pensamentos até os dias de hoje, é justamente por não ter definido como um rótulo o que seja o poder, mas, sobretudo, ter analisado o poder e suas fases.

Há cada vez mais pessoas que se relacionam de formas diferentes, pessoas que se permitem falar para os outros suas vontades, pessoas que cansadas de viverem oprimidas pelas falas, e formas de manipulação, buscam um novo jeito de se relacionar, uma forma de ser no mundo. Os processos de subjetivação surgem na medida em que os indivíduos despertam para sua autonomia, essa que faz deles não fugitivos do poder, ou com medo dele, mas, que capacitam a enfrentarem as relações que antes os oprimiam.

Os processos de subjetivação como foi citado no último capítulo, faz ter uma melhor compreensão sobre esse indivíduo que em meio ao poder, tem a possibilidade de estar no mundo de uma nova forma, pois estas são as maneiras que o poder usa para entrar na vida do homem, seja ele como um operário ou patrão, sempre existe poder envolvido a eles. Dessa forma, os processos de subjetivações não deixam o indivíduo pronto, ao contrário, este indivíduo, se constitui a todo instante, a todo momento, de conformidade com suas relações e com a movimentação do ethos ou também denominado de movimento parresiástico. Trata-se da transição entre o parátoma, paraskeue e parresia. Há cada vez mais categoria de pessoas que nem sempre desejam estar como sempre estiveram, querem mudança, desejam outras formas de se relacionar e estar no mundo, desejo esse que só pode ser realizado quando o

homem percebe que não é o poder que deve dominá-lo, mas o próprio homem que junto das relações tenha controle sobre o poder.

Quando o homem percebe que pode ter o controle das relações, e que esse mesmo controle pode ser usado para revelar suas vontades próprias, desejos e atitudes nas relações, começa então o caminho de subjetivação. Esse caminho acontece no agora, que extrai do indivíduo o que as manifestações de dominação não permitiam. É compreendendo que o processo de subjetivação, é esse despertar para o mundo e para si que entende como o poder pode ser compreendido na sociedade como todo, assim como nas relações entre indivíduos.

O poder que se fala é algo produzido a partir do dinamismo social, quando se fala que existem formas de o poder se instalar nas relações, é porque existem ferramentas. Uma forma rápida do poder se propagar é o discurso, ou seja, o ato de falar, é pelo discurso que se chega em tantas instituições de controle e exploração. Como escolas, presídios, fábricas, e tantos outros órgãos que possui a capacidade de determinar como o indivíduo deve agir, e isso tudo acontece pelo fato de troca de relações, aquele que menos possui procura ter algo com aquele que possui, e isso pode ser conseguido pelo o trabalho, pela exploração e por várias outras trocas de favor ou de prestação de serviço. Aqueles que não possuem um nível de conhecimento necessário para a sociedade, é preciso ser educado por alguém que é nomeado como conhecedor de tal assunto, o que não deixa de ser um modo também de doutrinação.

Por fim, têm-se o homem movido constantemente de relações, essas que por sua vez, não podem ser separadas do poder. Todos os indivíduos são constituídos de movimento, de passado, presente e das culturas, e formas de ser, e resistir. O poder é dinâmico e se encontra em todas as ocasiões da vida humana, com suas forças e estratégias de existir.

## **REFERÊNCIAS:**

### Obras primárias:

FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos IV: Estratégia, Poder-Saber.** Org: MOTTA, M. B. Tradução: Ribeiro V. L. A. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas.** Tradução Salma Tannus Muchail. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. A Ética do Cuidado de Si como Prática da Liberdade. In: **Ditos e Escritos V**. Rio de Janeiro, 2004. pp. 264-287.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito (1981-1982)**. Trad. Márcio Alves e Salma Tannus. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Obras secundárias:

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2ª ed. - São Paulo: Boitempo, 2009.

DA SILVA, Rubens Alexandre. **As teorias sociais e o conceito de poder**. Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais, n. 7, 2001.p. 127.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. **A Análise do Discurso**: conceitos e aplicações. Revista Alfa, São Paulo, vol. 39: p.13-21, 1995.

GRABOIS, P. F. **Resistência e revolução no pensamento de Michel Foucault**: Contra condutas, Sublevações e lutas: Cadernos de Ética e filosofia Política. 2011 pp. 07-27.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2008.

MARX, Karl. (1843). A contribution to the critique of Hegel's Philosophy of Right: Introduction. In: **Marx & Engels Collected Works** (vol. 3). Disponível em: <<https://marxists.anu.edu.au/archive/marx/works/1843/critique-hpr/intro.htm>>. Acesso em 19 Mar. 2021.

MARX, Karl & ENGELS, Frederick. (1845-1846). The German ideology. In: **Marx & Engels Collected Works** (vol. 5). Disponível em: <<https://marxists.anu.edu.au/archive/marx/works/cw/volume05/index.htm>>. Acesso em 19 Mar. 2021.

MARX, Karl. (1852). Letter to Joseph Weydemeyer in New York. In: **Marx & Engels Collected Works** (vol. 39). Disponível em: <[https://marxists.anu.edu.au/archive/marx/works/1852/letters/52\\_03\\_05.htm](https://marxists.anu.edu.au/archive/marx/works/1852/letters/52_03_05.htm)>. Acesso em 19 Mar. 2021.

PEREIRA, Francisco Vitor Macêdo; **Novos modos de subjetivação no tempo presente**: estratégias de resistências e de (re) criação da existência 2019.

PORTO, Maria Veralúcia Pessoa. **Caminhos da liberdade em Foucault**: das relações de poder ao cuidado de si no processo de subjetivação. João Pessoa, 2017. Tese de Doutorado.

PORTO, Maria Vera lúcia Pessoa e CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. **Michel Foucault, os modos do sujeito se constituir e as formas de prática de si**, Problemata: R. Intern. Fil. 2018.

WEINMANN, Amadeu de Olivera. **Dispositivos**: um solo para a subjetivação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Psicologia e sociedade 2006.